

Entre Ruas e Reflexões: a Experiência Feminina na Cidade

DIMENSÃO HUMANA DO PROJETO, DO PLANEJAMENTO E DA GESTÃO DA PAISAGEM
ARTIGO ACADÊMICO CIENTÍFICO

Autor 1: Sofia Vezaro Taiarol/Mestranda PROARQ/FAUUFRJ/sofia.taiarol@fau.ufrj.br
Autor 2: Vera Regina Tangari/Professora Doutora PROARQ/FAUUFRJ /vtangari@fau.ufrj.br

RESUMO

O artigo concentra-se na vivência urbana das mulheres, explorando como a cidade não é pensada para atendê-las, adotando uma abordagem que explora um conjunto de reflexões com o objetivo de enriquecer e instigar discussões sobre um tema crucial. Examina as experiências urbanas femininas à luz da exclusão histórica das mulheres na sociedade e destaca a importância de identificar as lacunas existentes nos espaços públicos, abordando desafios como acessibilidade, inclusão e inseguranças. Trata o medo como uma temática recorrente nos desafios atuais enfrentados pelo gênero feminino nesse contexto e destaca a necessidade de ouvir as vozes das mulheres no planejamento urbano para promover espaços mais equitativos e justos.

PALAVRAS-CHAVES: espaços públicos; estudo de gênero; direito à cidade; vivências urbanas femininas.

ABSTRACT

The paper focuses on the urban experience of women, exploring how the city is not designed to serve them, adopting an approach that explore a set of reflections with the aim of enriching and stimulating discussions on a crucial topic. It examines women's urban experiences in light of historical exclusion from society and emphasizes the importance of identifying gaps in public spaces, addressing challenges such as accessibility, inclusion, and insecurities. It discusses fear as a recurring theme in the current challenges faced by the female gender in this context and highlights the need to listen to women's voices in urban planning to promote more equitable and just spaces.

KEYWORDS: public spaces; gender study; right to the city; women's urban experiences.

1 INTRODUÇÃO

Trabalhar com a paisagem implica estar preparado para enfrentar inúmeros desafios, pois a paisagem não é neutra, mas sim um campo de conflitos. Nela, encontram-se diversas camadas, com dimensões numerosas e complexas, que remetem desde a natureza até as localidades mais consolidadas, mas entre elas está a dimensão mais sensível de todas: a humana.

Ao envolver-se com a paisagem, é crucial reconhecer que ela é a relação mais direta entre as pessoas e os lugares, uma conexão vital para os seres humanos. Portanto, embora o contato com espaços públicos e o ambiente possa ser emocionante, é imperativo permanecer atento aos desafios incorporados a ela. É necessário observar as suas frestas, que revelam obstáculos como acessibilidade, inclusão, enfrentamento do medo e a própria alteridade.

A prática da arquitetura, especialmente ao lidar com a paisagem, demanda uma atenção especial para essas lacunas, para o intangível, para aquilo que não é imediatamente visível. O papel sensível do arquiteto reside não apenas em perceber, mas também em conscientizar a si mesmo e à cidade sobre esses obstáculos. As interações no espaço público são reflexos das



dinâmicas sociais do local, tornando essencial que, mesmo em meio ao campo de conflitos, os espaços públicos sejam democráticos.

Infelizmente, essa não é a dinâmica predominante na cidade. Os espaços urbanos frequentemente são concebidos para atender a um público específico, muitas vezes representando uma hegemonia que está longe de representar a maioria. Preconceitos e discriminações com base em raça, etnia, classe social e gênero são presenças cotidianas na cidade, impactando significativamente uma parcela considerável da população que não se sente incluída nos mesmos.

Cada uma dessas formas de discriminação poderia facilmente preencher as páginas de um livro, revelando para quem a cidade não foi concebida. Portanto, este artigo se aprofunda em uma dessas camadas, focando no recorte de gênero e nas experiências urbanas das mulheres em uma cidade que não foi e continua não sendo pensada para elas. É preciso que as cidades não apenas sejam urbanizadas, mas também cultivem a urbanidade, promovendo ambientes que considerem e atendam às necessidades de todos os seus habitantes.

O artigo adota uma abordagem teórica e reflexiva para explorar a experiência feminina na cidade. Apresenta um compilado de reflexões com o propósito de enriquecer e estimular a discussão sobre um tema de grande relevância. Ao destacar as complexidades e desafios enfrentados pelas mulheres no ambiente urbano, busca-se não apenas analisar, mas também promover uma reflexão crítica que contribua para a conscientização e implementação de mudanças necessárias em prol de uma cidade mais inclusiva e equitativa para todos.

2 RELAÇÕES, VIVÊNCIAS E COTIDIANOS

O espaço público, por definição, é um lugar que pode ser acessado livremente por qualquer cidadão, sem distinção. A relação entre o ser humano e os espaços públicos vêm tomando proporções mais profundas a cada período da história. O que antes era um espaço para fruição das elites em passeios bucólicos, hoje tornou-se local de intenso caráter social, preservação ambiental e lazer, ou seja, ele é um importante testemunho da trajetória dos valores sociais e culturais das comunidades urbanas (MACEDO; SAKATA, 2003).

Esses espaços cultivam raízes, estimulam vínculos, afinidades e relações de pertencimento. As configurações físicas do espaço (sua disposição, localização e arranjo) estabelecem um diálogo com as dinâmicas comportamentais dos grupos sociais que o utilizam (TÂNGARI; ANDRADE; SCHLEE, 2009). Isso resulta em uma interação constante entre os indivíduos ou comunidades que ocupam esse espaço e a natureza circundante, unindo-se em um processo contínuo de evolução.

Os grupos sociais misturam suas trajetórias nos processos espaciais em curso, laços afetivos e complexos, provenientes de “sua história misturada com a daquele lugar” (CARLOS, 1994). É por essa razão que a preservação de ritos culturais e sociais é tão vital, uma vez que suas apropriações constituem parte integrante do processo de expressão e identidade na cidade, deixando suas marcas no tecido do espaço vivido.

Por um longo período, a psicologia ambiental buscou compreender de que maneira os aspectos físicos de um ambiente influenciavam os processos psicológicos de seus usuários. Essa abordagem empirista, contudo, separava o aspecto físico ambiental das subjetividades dos usuários. Embora tenha permitido uma análise funcional da morfologia, como a observação dos padrões de circulação nas ruas e as dificuldades na ocupação dos espaços, também simplificou os aspectos sociais e físicos desses lugares em uma concepção geral de ambiente.



Esse ambiente generalizado foi utilizado como um cenário ideal para estudar o comportamento e o pensamento das pessoas. Denise Jodelet critica essa abordagem, referindo-se a ela como um "laboratório".

“A relação do sujeito individual ou coletivo com o seu espaço de vida passa por construções de sentido e significado que se baseiam não somente na experiência direta e na prática funcional ou subversiva que se desdobra, mas também no valor simbólico conferido ao ambiente construído pela cultura e pelas relações sociais, dos jogos de poder” (JODELET, 2002, p.34).

É em virtude desses aspectos, dessas diversas maneiras de atribuição de percepções, sentimentos e experiências aos lugares que esse texto aborda as questões de gênero. No espaço público, as mulheres vivem pela perspectiva do medo, as suas errâncias não podem ser praticadas pois elas definem os seus trajetos e percursos levando em conta a sua segurança material, mas também do seu próprio corpo. Essas experiências, nem sempre positivas, ficam embutidas no mapa mental de segurança e perigo que toda mulher carrega em sua mente.

É por conta disso que as mulheres precisam sobreviver a cidade. Elas devem e precisam vivenciar as suas atmosferas urbanas, uma vez que é através delas que se criam novas identidades e novos vínculos da mulher com e para a cidade. A fruição do espaço público pelas mulheres é um ato de resistência, um ato de direito à cidade.

3 EXPERIÊNCIAS URBANAS FEMININAS

A introdução de um cotidiano urbano para as mulheres era percebida como uma ação perigosa. A sua própria presença na vida urbana constituía uma potencial ameaça à civilização. Essas incertezas prevaleciam em relação às consequências decorrentes da concessão de liberdade às mulheres em um contexto onde o domínio da cidade era exclusivamente masculino. É inegável que a configuração da cidade foi concebida para respaldar e facilitar os papéis tradicionais associados ao gênero masculino, às custas da equidade de gênero.

O encantamento pela cidade constitui uma temática recorrente entre escritores do sexo masculino, desde Charles Baudelaire até João do Rio, em que o flâneur emerge como um protagonista que perambula pela urbe em busca de si mesmo, imerso no mundo da burguesia. Contudo, em contraste, a presença feminina nesse cenário é notadamente escassa. Poucas são as autoras que ousaram enfrentar o ambiente predominantemente masculino das metrópoles.

Conforme elucidado por Elkin (2022), o flâneur encarnava "a figura do privilégio e do ócio masculino, possuindo tempo, recursos financeiros e desprovido de responsabilidades imediatas" (Figura 1). Ou seja, apenas os homens eram considerados aptos a desfrutar do privilégio de perambular pelas ruas, explorando novos destinos, uma vez que, no século XIX, as mulheres eram socialmente designadas à exclusiva responsabilidade doméstica, confinadas ao âmbito familiar.



Figura 1: o caminhar do homem pelas ruas



Fonte: The Chap, 2019

Essa sociedade patriarcal, desde o princípio, impôs normas rígidas que limitavam a presença das mulheres na cidade e, quando a permitiam, frequentemente era sob condições restritivas. Durante muito tempo, a ideia de que a mulher que frequentava espaços públicos estava relacionada à prostituição ou à ruptura da reputação de sua família era propagada, estigmatizando qualquer tentativa de independência ou liberdade de movimento para as mulheres.

Caso fosse viável voltar no tempo, seria possível descobrir que as flâneuses transitavam pelas mesmas ruas frequentadas por Charles Baudelaire. No entanto, sua presença não era interpretada da mesma forma que a do flâneur, entendido como um homem respeitável vagando pela cidade. Em geral, a flâneuse era uma trabalhadora que se aventurava pelas ruas em busca de melhores condições de vida.

Nessa perspectiva, Virginia Woolf surge como uma figura notável. No início do século XX, em Londres, um ambiente em que a liberdade para as mulheres saírem sozinhas já estava mais estabelecida, ela inicia sua jornada na cidade. Sua notoriedade não apenas se restringiu a se aventurar por ela, mas também se estendeu à expressão literária de suas experiências urbanas, ou melhor, as experiências urbanas femininas.

Os seus contos conferem uma perspectiva inovadora a experiência feminina na cidade. Em obras como "Mrs. Dalloway" e "Um Teto Todo Seu", Woolf explora as nuances da vida urbana para suas personagens femininas, desvendando as complexidades da identidade e autonomia em um contexto urbano. A cidade, em suas narrativas, torna-se um palco onde as mulheres negociam sua identidade, desafiam padrões sociais e reivindicam sua existência em meio aos desafios da vida urbana. Woolf, assim, transcende as fronteiras literárias, proporcionando uma visão única sobre a experiência feminina na cidade e sua busca por significado e liberdade.

É crucial enfatizar que mesmo em períodos caracterizados por rígidas normas de gênero, algumas foram capazes de explorar a cidade. Suas resistências desempenharam um papel

fundamental na evolução para o cenário contemporâneo, onde desfrutamos da liberdade do ir e vir. Contudo, é lamentável reconhecer que a mera autonomia de movimento não é o único fator determinante para uma experiência urbana plena e satisfatória nos dias de hoje.

O medo em relação à criminalidade e aos assédios não resultou na completa exclusão das mulheres da cidade. No entanto, esse receio representa apenas um dos diversos fatores que singularmente moldam a vivência das mulheres na esfera urbana. Essa preocupação é incorporada no mapa mental de segurança e perigo que cada mulher carrega consigo (KERN, 2021), influenciando diretamente suas interações e experiências no ambiente urbano.

Jacobs (2011) acreditava que a capacidade de se sentir segura sozinha entre milhões de estranhos era o marcador final da habitabilidade de uma cidade, quando escreve sobre os “olhos na rua” como uma expressão desse engajamento e de um uso misto constante. No entanto, ela não se referia aos olhos da vigilância do estado, policiamento ou assédio (Figura 2). Muitas vezes, a ideia de “olhos na rua” leva a formas de observação que torna impossível estar segura e sozinha entre desconhecidos.

Figura 2: O caminhar da mulher com os “olhos da rua”



Fonte: Elkin, 2016

Embora hoje as mulheres sejam muito mais livres para se movimentar dentro desses espaços da mesma forma que os homens (dependendo, é claro, da classe social e da raça), elas permanecem extremamente conscientes de que ficar sozinhas fora desses espaços “permitidos” é tornar-se vulnerável a uma atenção indesejável e a ameaça de violência. A sensação constante de medo é algo que atravessa as mulheres todos os dias no ambiente urbano.

Leslie Kern revela em seu livro sobre este medo inerente das mulheres e sobre como elas (sobre)vivem na cidade:

“As mulheres não podem ter medo de todos os homens o tempo todo, portanto, para manter a ilusão de controle sobre sua



segurança, elas precisam saber onde e quando elas podem encontrar homens perigosos para poder evitá-los principalmente por meio de estereótipos (preconceito). Mas, uma vez que temos muito pouco controle sobre a presença de homens em nossos ambientes, e não podemos funcionar em um estado de medo constante, deslocamos parte do nosso medo para os espaços: becos, plataformas de metrô, calçadas escuras da cidade entre outros” (KERN, 2021, p. 199).

A ação de sair de casa antecede inúmeras reflexões nas mulheres, incluindo a elaboração de diversos mapas mentais. Esses mapas são colagens vivas, com imagens, palavras e emoções espalhadas por nossos bairros e cidades que nos mostram perspectivas de segurança ou medo daquelas localidades. Assim, é simples transferir o receio para espaços como becos ou calçadas escuras, conforme mencionado. O desafio reside em identificar o medo em ambientes que aparentam ser inofensivos, deixando as mulheres à mercê de uma sociedade que não presta o devido respeito a elas, transformando, assim, todo o ambiente em uma situação potencialmente perigosa.

O receio das mulheres nas cidades revela contradições e obstáculos aparentemente intransponíveis: as mulheres têm medo em espaços fechados e abertos, em lugares ocupados ou vazios, no trânsito e a pé, isolada sob uma luz forte ou na escuridão. Assim, mesmo diante dos avanços, é lamentável observar que as mulheres ainda não se sentem plenamente à vontade na cidade, ela ainda não é sua e seu convívio com ela ainda está sob forma de resistência permanente.

Esse contexto evidencia que é impossível discutir as respostas às ameaças criminosas em ambientes específicos sem considerar as relações sociais e políticas que moldam tanto o espaço físico quanto o cotidiano das pessoas afetadas. Em outras palavras, é inviável dissociar o mundo social do ambiente construído. Não existem soluções diretas, qualquer tentativa de melhorar a segurança urbana deve lidar com elementos sociais, culturais e econômicos, bem como com a forma do ambiente construído.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar de todos os preconceitos históricos, as mulheres têm sido capazes de conquistar seu espaço no ambiente urbano. A união e a presença de mulheres nos espaços públicos desafiam as percepções tradicionais sobre quem realmente pertence à cidade. As suas vivências urbanas são de extrema importância para a construção social das suas próprias identidades. A capacidade de ocupar e se apropriar dos lugares é um ato transformador, permitindo que elas redefinam e reafirmem sua presença e papel na sociedade.

A importância de escutar as vozes ignoradas, especialmente as das mulheres, revela-se crucial no planejamento urbano e na configuração dos espaços públicos. Historicamente subestimadas e subrepresentadas, as perspectivas femininas oferecem uma riqueza de experiências que enriquecem a compreensão da cidade como um organismo social.

Ao abrir espaço para as narrativas das mulheres, o planejamento urbano pode abordar de maneira mais eficaz as complexas demandas da população, considerando variáveis como segurança, acessibilidade e inclusão social. Além disso, a escuta ativa das vozes femininas promove a criação de ambientes urbanos mais equitativos, nos quais as necessidades e aspirações de todas as comunidades são consideradas. A cidade, ao ser moldada por uma diversidade de vozes, torna-se um reflexo mais autêntico e inclusivo da sociedade, promovendo a igualdade e a justiça espacial.



AGRADECIMENTOS

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pela concessão das bolsas de pesquisa.

REFERÊNCIAS

CARLOS, Ana Fani. A cidade. **O Homem e a Cidade a Cidade e o Cidadão de quem é o Solo Urbano?** São Paulo: Contexto, 1994.

ELKIN, Lauren. **Flâneuse: Mulheres que caminham pela cidade em Paris, Nova York, Tóquio, Veneza e Londres.** São Paulo: Fósforo, 2022.

JACOBS, Jane. **Morte e vida de grandes cidades.** São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

JODELET, Denise. A cidade e a memória. **Projeto do Lugar.** Rio de Janeiro: PROARQ, 2002. p. 31–44.

KERN, Leslie. **Cidade feminista: a luta pelo espaço em um mundo desenhado por homens.** Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2021.

MACEDO, Silvio Soares; SAKATA, Francine Gramacho. **Parques Urbanos no Brasil.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2003.

TÂNGARI, Vera R.; ANDRADE, Rubens de; SCHLEE, Mônica B. **Sistema de espaços livres: o cotidiano, apropriações e ausências.** Rio de Janeiro: FAU-UFRJ PROARQ, 2009.